

FACULDADE SANTA RITA – FASAR

**PROJETO
DE
EXTENSÃO**

**CICLO DE PALESTRAS:
“DIALOGANDO COM A COMUNIDADE”**

NOVO HORIZONTE - 2016

INTRODUÇÃO

Estabelecer uma comunicação reciprocamente efetiva e eficaz, transigir e construir pontes entre distintas concepções de mundo e garantir a tolerância é um dos mais elevados modos de integração social e intercâmbio de ideias. Tal intercâmbio advém da ideia de dialogar, etimologicamente definida como: “diálogo”, “dia-logos”, “por meio do logos” (palavras, conhecimento, razão). Assim, o diálogo é a possibilidade de conhecer. Em *Educação como prática da liberdade*, Paulo Freire define assim:

E que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade (Jaspers). Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois polos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação. (FREIRE, 1967, p. 107).

JUSTIFICATIVA

O diálogo, por meio de palestras e conferências, permite a horizontalidade da troca de ideias, de pensamentos, de projetos... Em *Pedagogia do oprimido*, Freire (1970, p. 89-91), assevera:

Quando tentamos um adentramento no diálogo, como fenômeno humano, se nos revela algo que já poderemos dizer ser ele mesmo: a palavra. Mas, ao encontrarmos a palavra, na análise do diálogo, como algo mais que um meio para que ele se faça, se nos impõe buscar, também, seus elementos constitutivos.

Esta busca nos leva a surpreender, nela, duas dimensões; ação e reflexão, de tal forma solidárias, em uma interação tão radical que, sacrificada, ainda que em parte, uma delas, se ressentente, imediatamente, a outra. Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí, que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo.

A palavra inautêntica, por outro lado, com que não se pode transformar a realidade, resulta da dicotomia que se estabelece entre seus elementos constituintes. Assim é que, esgotada a palavra de sua dimensão de ação, sacrificada, automaticamente, a reflexão também, se transforma em palavreria, verbalismo, blablablá. Por tudo isto, alienada e alienante. É uma palavra oca, da qual não se pode esperar a denúncia do mundo, pois que não há denúncia verdadeira sem compromisso de transformação, nem este sem ação.

Se, pelo contrário, se enfatiza ou exclusiviza a ação, com o sacrifício da reflexão, a palavra se converte em ativismo. Este, que é ação pela ação, ao minimizar a reflexão, nega também a práxis verdadeira e impossibilita o diálogo.

Qualquer destas dicotomias, ao gerar-se em formas inautênticas de existir, gera formas inautênticas de pensar, que reforçam a matriz em que se constituem.

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar.

Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.

Mas, se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais. O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu.

Esta é a razão por que não é possível o diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não a querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito. É preciso primeiro que, os que assim se encontram negados no direito primordial de dizer a palavra, reconquistem esse direito, proibindo que este assalto desumanizante continue.

Se é dizendo a palavra com que, “pronunciando” o mundo, os homens o transformam, o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens.

Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes.

Não é também discussão guerreira, polêmica, entre sujeitos que não aspiram a comprometer-se com a pronúncia do mundo, nem com buscar a verdade, mas com impor a sua.

Porque é encontro de homens que pronunciam o mundo, não deve ser doação do pronunciar de uns a outros. É um ato de criação. Daí que não possa ser manhoso instrumento de que lance mão um sujeito para a conquista do outro. A conquista implícita no diálogo é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro. Conquista do mundo para a libertação dos homens.

Já em *Pedagogia da esperança*, Paulo Freire (1994, p. 118-19) afirma que:

O diálogo entre professoras ou professores e alunos ou alunas não os torna iguais, mas marca a posição democrática entre eles ou elas. Os professores não são iguais aos alunos por n razões entre elas porque a diferença entre eles os faz ser com estão sendo. Se fossem iguais, um se converteria no outro. O diálogo tem significação precisamente porque os sujeitos dialógicos não apenas conservam sua identidade, mas a defendem e assim crescem um com o outro. O diálogo, por isso mesmo, não nivela, não reduz um ao outro. Nem é favor que se faz ao outro. Nem é tática manhosa, envolvente, que um usa para confundir o outro. Implica, ao contrário, um respeito fundamental dos sujeitos nele engajados, que o autoritarismo rompe ou não permite que se constitua. Assim também a licenciosidade, de forma diferente, mas igualmente prejudicial.

Não há diálogo no espontaneísmo como no todo-poderosismo do professor ou da professora. A relação dialógica, porém, não anula, como às vezes se pensa, a possibilidade do ato de ensinar. Pelo contrário, ela funda este ato, que se completa e se sela no outro, o de aprender, e ambos só se tornam verdadeiramente possíveis quando o pensamento crítico, inquieto, do educador ou da educadora não freia a capacidade de criticamente também pensar ou começar a pensar do educando. Pelo contrário, quando o pensamento crítico do educador ou da educadora se entrega à curiosidade do educando. Se o pensamento do educador ou da educadora anula, esmaga, dificulta o desenvolvimento do pensamento dos educandos, então o pensar do educador, autoritário, tende a gerar nos educandos sobre quem incide, um pensar tímido, inautêntico ou, às vezes, puramente rebelde.

O diálogo, na verdade, não pode ser responsabilizado pelo uso distorcido que dele se faça. Por pura imitação ou por sua caricatura. O diálogo não pode converter-se num 'bate-papo' desobrigado que marche ao gosto do acaso entre professor ou professora e educandos.

O diálogo pedagógico implica tanto o conteúdo ou objeto cognoscível em torno de que gira quanto a exposição sobre ele feita pelo educador ou educadora para os educandos.

OBJETIVOS

- Utilizar-se do diálogo para promover a interação social entre os vários segmentos;
- Promover a socialização e compartilhar conhecimentos e ideias;
- Incentivar efetivamente a participação e a democracia;
- Possibilitar a intervenção eficaz no contexto social ;
- Entender e aceitar as distintas visões de mundo;
- Compreender como é possível fazer avançar o conhecimento por meio do intercâmbio de saberes;
- Capacitar e empoderar os indivíduos socialmente fragilizados para que entendam as condições de sua existência;.
- Estabelecer um diálogo profícuo entre os elementos da comunidade.

METODOLOGIA

Os diálogos em questão realizar-se-ão em ciclos de debates e palestras que compreendam a comunidade acadêmica (docentes, discentes, funcionários etc.) e a comunidade em geral, seja do município, seja da região. Pretende-se que o projeto realize-se baseado nas seguintes ações e situações:

- Palestras;
- Debates;
- Fóruns;
- Discussões em reuniões dos diferentes segmentos sociais;
- Reuniões para planejamento;
- Audiências públicas;
- oficinas, workshops e happenings;
- eventos com a comunidade local em geral.

FORMAS DE ACOMPANHAMENTO DO PROJETO

O projeto será implementado e acompanhado com base em intervenções sociais programadas que visem estabelecer relações entre alunos, entre os professores da, entre professores e alunos da faculdade, entre professores das redes pública/privada, entre alunos, entre professores e alunos, bem como entre todos esses referidos e a comunidade em geral, levando o projeto e a prática aos vários segmentos acadêmicos e sociais.

APLICAÇÃO DO PROJETO/CRONOGRAMA

- **22/09/2016, Palestra “História da Ética e as lições aos professores”**: aconteceu na Faculdade Santa Rita (FASAR), de Novo Horizonte, a palestra ministrada pelo Prof. Doutor Edison Bariani Junior, docente da instituição, em evento que contou com a presença dos alunos dos cursos de Pedagogia e de Administração da faculdade, assim como de pessoas da comunidade interessadas no assunto.

A palestra abordou a história da ética no Ocidente, desde a Antiguidade grega até os tempos atuais, percorrendo 25 séculos por meio de 20 pensadores representativos de seus períodos, como Sócrates, Platão, Aristóteles, Kant, Sartre e Hannah Arendt, dentre outros. Nesse percurso, a exposição abordou a concepção ética dos pensadores e estabeleceu conexões entre cada uma delas, o ofício do professor e o sentido da educação, atualmente, na nossa sociedade.

Ao final, houve questões e um debate entre palestrante, alunos e pessoas da comunidade a respeito das reflexões ética contemporâneas, redes sociais, atuação profissional, papel e função social do professor e conflitos éticos na educação e na sociabilidade. O êxito do evento já rendeu convites para novas discussões e reflexões sobre problemas do nosso tempo, algo que a FASAR vem elaborando constantemente, tornando-se um pólo de catalisação de questões, inquietações e soluções, espaço amplo e democrático de debates na sociedade local.





Fasar realiza palestra sobre política – 06/04/2017

No último dia 6 de abril, nas dependências da Faculdade Santa Rita, Fasar, de Novo Horizonte, foi realizada palestra com a presença dos alunos dos cursos de Administração e Pedagogia, professores, funcionários e outros espectadores da comunidade local. O ciclo de palestras ocorre regularmente nas dependências da faculdade, sendo abordados temas de interesse acadêmico e socialmente relevantes.

Desta feita o tema foi “Política: a arte da convivência”, ministrada pelo professor doutor Edison Bariani Junior, docente da faculdade. Após a exposição, houve perguntas e um debate entre os espectadores sobre o tema abordado e seus reflexos no contexto histórico atual, que se estendeu para além do horário programado.

Na exposição, o professor abordou a ideia de política como convivência, mediadora dos conflitos e meio de tomada de decisões e legitimação do poder constituído. Iniciando pelo nascimento da política entre os gregos, passando pelos romanos e pela Idade Média até a Idade Moderna e a contemporaneidade, a exposição abordou autores como Sócrates, Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, Maquiavel, alguns dos contratualistas (Thomas Hobbes, John Locke e Jean-Jacques Rousseau), os

socialistas e comunistas (Karl Marx, Fredrick Engels) e, ao final, Max Weber e Hannah Arendt.

Foram abordados ainda as revoluções modernas, o federalismo, o parlamentarismo, a constituição dos estados nacionais e a divisão de poderes no mundo moderno, bem como um breve panorama das instituições políticas brasileiras, suas funções, atribuições e prerrogativas.

O ciclo de palestras deve ter continuidade em agosto e novembro deste ano, com as palestras sobre direitos humanos e sobre as políticas/ações afirmativas e as cotas, respectivamente.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1970.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro. 8ª ed. Paz e Terra, 1992.